

## REFLEXOS...REFLEXÕES... DESCOBERTAS...

**Carmen Lucia Orfanó**

“Quem é você?”, disse a Lagarta. Não era um começo de conversa muito estimulante. Alice respondeu um pouco tímida: “Eu... eu... no momento não sei, minha senhora... pelo menos sei quem eu *era* quando me levantei hoje de manhã, mas acho que devo ter mudado várias vezes desde então.(p. 61)”

Então, num piscar de olhos passei por uma metamorfose, tomando o TEMPO pelas mãos, pedindo licença ao poeta Manoel de Barros, e pendurando-o não no poste mas, no galho mais alto de uma mangueira do quintal silencioso da escola, que até há pouco convivia com a alegria e a vida pulsante das crianças. Ela, a mangueira, se mantinha calada, presenciando à tudo com cumplicidade. E lá o TEMPO ficou...

Foi assim que eu, uma professora de crianças pequenas, comecei a viver, o período mais desafiador e em alguns momentos mais devastador da minha vida: o tempo do isolamento social. Vida essa em que a docência **ocupava** um lugar especial, marcada pelo prazer e pela longa caminhada trilhada. As crianças e a escola, com tudo o que eu tinha vivido até agora, tinham sumido numa nuvem de fumaça. Ocupar, verbo que permaneceu no passado até que o medo, a paralização, a incerteza e a solidão pudessem dar lugar a outros sentimentos. Mergulhei como Alice, num túnel escuro, sem mapa e sem roteiro, e comecei a escavar a procura de pistas que pudessem a princípio, me fazer entender o que estava acontecendo e por onde eu deveria seguir. Algumas pistas surgiram a partir da formação online, através de Rodas de Conversa, Seminários e Webnários. Uma novidade no meu percurso de formação e mais um desafio a ser enfrentado. Essas novas formas de nos conectar, tiveram um papel fundamental para que eu novamente abrisse os olhos e principalmente aguçasse a minha escuta para o que estava acontecendo com outros profissionais, parceiros, companheiros de viagem, daqui e de mundos mais distantes.

Passei a abrir caminhos, acionando a minha memória e sendo capaz de resgatar experiências que me constituíam como um sujeito, dotado de desejos, sentimentos, capaz de estabelecer relações dialógicas com outros sujeitos, com a história e com o tempo em que eu estava vivendo. Despertei em mim aquele pesquisador, que vinha estudando, sendo construído cotidianamente através dos encontros com meus pares, da observação e escuta atenta e sensível das crianças, seus processos e das trocas com as famílias dessas crianças.



**Ana Vitória e Luiza**

Passei a revisitar os meus registros, buscando uma forma de resgatar vínculos e estabelecer reflexões que ampliassem a minha *praxis*, me conectando novamente à tudo o que eu tinha vivido na escola até aqui. Foi preciso fazer uma escolha, processo sofrido mas necessário. Minha escolha foi feita a partir do objetivo que eu tinha planejado: olhar para o meu processo a partir dos processos das crianças, ou vice-versa.

Uma palavra começou a me “cutucar”, a me “beliscar” e a “ecoar” dentro de mim: REFLETIR. Fiz então, uma conexão entre refletir, reflexo, espelho e imagem, buscando dar sentido às minhas interrogações e inquietudes. Lembrei de uma proposta de autorretrato, feita com crianças da turma de 4 anos, em que sou professora, da rede pública do RJ. Elas se organizaram espontaneamente em pequenos grupos e os materiais oferecidos foram dois espelhos, papel branco e canetas hidrográficas pretas, de diversas espessuras. A arte nos define, nos aproxima e dá sentido a nossa existência, nos tornando capazes de gestos transformadores, ligando cada sujeito, carregado de suas subjetividades, em uma rede de troca, de compartilhamento.

Por que o desenho? Posso justificar com essa afirmação de Merleau- Ponty:

O olho é aquilo que foi comovido por um certo impacto do mundo, e o que o restitui ao visível pelos traços da mão. Seja qual for a civilização em que se nasça, sejam quais forem as crenças, os motivos, os pensamentos, as cerimônias de que se cerque, desde Lascaux até hoje, impura ou não, figurativa ou não, a pintura e o desenho jamais celebram outro enigma a não ser o da visibilidade. (Apud, Derdyck 1989, p.115)

A partir dessa viagem em busca do sentido da minha docência, através das imagens capturadas pelos prints de tela do celular e principalmente pelos relatos das crianças durante a atividade, fui descobrindo a imagem de criança, de professor e de escola que estavam sendo contruídos durante a minha trajetória, buscando dar visibilidade à essas descobertas.

A primeira pista e a que sustenta as demais é desvelar essa criança, que vive o cotidiano de forma inédita, explorando o mundo com curiosidade e olhar de um pesquisador atento e sensível, que produz cultura e a transforma. Uma criança potente e ao mesmo tempo generosa, que “teima” em compartilhar com outros sujeitos, suas descobertas e aprendizagens. Um sujeito, na plenitude dessa palavra, que conjuga o verbo SER sempre no plural, cultivando suas relações de forma sensível, não temendo os desafios e os enfrentamentos, pelo contrário, se apropriando deles como elementos fundamentais para o crescimento. Sem esquecer que “O BRINCAR” está sempre presente, inclusive na exploração e investigação de novos materiais. Com coragem e ousadia.



**Pedro e João**



**Ana Vitória e Luiza**

Não há limites para as representações do real. Através da imaginação as crianças vão expandindo suas ideias e com criatividade vão inserindo elementos diversos às suas produções como pessoas da família, animais e a própria professora. Eu só existo porque pertencço a um coletivo, eu só existo porque me relaciono intensa e verdadeiramente com outras pessoas, criando e fortalecendo vínculos, poderiam afirmar “as infâncias”.

Ao visitar minhas memórias, passo a sentir muitas das sensações vividas presencialmente na escola: a agitação, a inquietude, a curiosidade e o prazer. As experiências vividas estão aqui, dentro e fora de mim, ao mesmo tempo. Basta acionar mecanismos adormecidos e a documentação pode ser uma preciosa chave para abrir janelas, que vislumbrem um planejar futuro, a partir do aqui e agora. Num gesto impulsivo me lanço novamente àquele galho bem alto, daquela mangueira do quintal da escola e pego o TEMPO carregando-o no colo. Essa suspensão foi necessária e deu frutos... O TEMPO chegou de mansinho, sem toda aquela correria e pressa, dando lugar ao cultivo da paciência e da temperança. Coisas de uma mangueira silenciosa.

Ouçoo os áudios dos vídeos e aquelas narrativas invadem as minhas reflexões.

- E como a gente lembra como são as pessoas, se elas não estão aqui? (Professora)
- Pensando na testa, né! Pensando no pensamento! (Maysa)

Pouco a pouco, as crianças vão desenhando e conversando. Desenhando e trocando com os amigos e comigo as suas vivências, introduzindo no universo da escola, da sala, um mundo que muitas vezes consideramos estar do lado de fora. Para as crianças não há paredes, as fronteiras são feitas de finas linhas, maleáveis, que podemos ultrapassar sempre que desejarmos. Dessa forma, as famílias das crianças vão passando a fazer parte dessa experiência de descobertas e aprendizagens. Essa é a minha segunda pista.

E as vozes continuam, enquanto as mãos, os olhos e o corpo todo se movem vigorosamente:

- A minha mãe é assim. Ela tem cabelo enroladinho. (Carolina)
- A minha mãe de chapéu. A minha mãe tem cabelo cacheado. (Isabelle)
- Agora eu vou desenhar o meu pai, porque ele é careca. Ele tem um pouquinho de cabelo, igual a uma formiga. (Isabelle)
- Eu vou desenhar a minha prima. Você vai conhecer a Juliana, não é Carmen? (Miguel)
- O meu irmãozinho. (João Gabriel)



**Ana Beatriz**

Surgem detalhes, confidências e convites para que eu possa participar também desse mundo familiar. Atualmente, já não é mais necessário discutir ou colocar em pauta a importância da participação das famílias no contexto escolar. Muito embora, todo esse conhecimento produzido, na maioria das vezes, não garante que essa relação aconteça cotidianamente e não somente durante eventos especiais, com data marcada. Uma escola que se propõe a encarar as diferenças de forma democrática, não pode deixar as famílias do lado de fora de seus muros, e deve ser capaz de somente através do enfrentamento dos possíveis entraves dessa relação, crescer e transformar-se. Tornar a educação partilhada com quem conhece, pensa e sente as crianças tanto quanto os profissionais que trabalham na escola, foi mais uma das aprendizagens desse momento em que estamos vivendo. Passamos a entrar na casa de muitas famílias, a partir das nossas próprias casas, reconhecendo nossas dificuldades e limites, buscando alternativas e saídas para superá-los juntos.



**Luiza**



E finalmente recebo de presente das crianças, a última pista que faltava para que esse processo de descoberta acontecesse. Ele na verdade, começou há muito tempo atrás, a partir da minha escolha profissional e da minha resistência em estar junto às crianças, compartilhando diariamente da alegria dos encontros, sejam eles entre as crianças e eu, seja entre as famílias e eu e entre meus pares e eu. Foi preciso além de um enorme esforço, desenvolver a capacidade de mudança, de olhar para o novo com olhos curiosos e desafiadores. Esse encontro foi revivido e reafirmado pelo tempo da sensibilidade e não pelo tempo cronológico, que marca de forma definitiva e cruel tantas maravilhas que acabam morrendo mesmo antes de nascer.

E naquele galho bem alto da mangueira silenciosa, que vive no pátio da escola, deixo penduradas duas palavras que me são muito caras e preciosas: PAIXÃO E ESPERANÇA. Confio que elas estarão bem cuidadas e com certeza, serão cultivadas para que possam ser carregadas pelo vento, ganhando o mundo afora. Sempre que for necessário...



- Esse é eu, a Carmen. Você aqui Carmen! **Miguel**



- Aqui você passeando com a minha mãe e com as minhas amigas. **Maysa**



- Aqui você Carmen!  
**Carolina**



- É seu Carmen. É sua casa. Eu, você e o João Gabriel. **Bernardo**

## **Referências:**

BARBIERI, Stela. ***Interações: onde está a arte na infância?*** São Paulo: Blucher, 2012.  
- - Coleção InterAções.

RINALDI, Carla. ***Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender.***  
Tradução de Vania Cury -7ª edição – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CARROLL, Lewis. ***Alice no país das maravilhas.*** Tradução Rosaura Eichenberg.  
Coleção L&PM Pocket, 1998.

BONDÍA, Jorge Larrosa. ***Notas sobre a experiência e o saber de experiência.***  
Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas.  
Departamento de Linguística.